

## V

### Os Errores d'Ulysses: — Viagem á Libya

Restaurada a coordenação das aventuras á Libya, como fica indicado, impossivel duvidar que o mythographo dos Errores não colhesse as suas noticias da mesma fonte, d'onde as colheu Apollonio.

Ulysses, assaltado no Cabo Maleu por uma tempestade, que ao fim de dez dias o leva a uma região do occidente da Libya, indo depois á ilha das Cabras, d'onde passa para outra maior, immediatamente proxima, a ilha dos Cyclopes; apanhado, á sahida d'esta ilha, por uma outra tempestade que o arroja para a ilha Ogygia e voltando finalmente d'ahi para Ithaca, depois de tocar na Eolia, segue n'esta parte dos Errores clara e manifestamente as pisadas dos Argonautas, batidos no Cabo Maleu por uma tempestade, que ao fim de nove dias os leva a uma região do occidente da Libya, indo depois ter á pseudo-Carpathos e á pseudo-Creta, e assaltados, á sahida d'esta ultima, por uma tempestade que os ar-

roja a Anafe, d'onde voltam para Iolchos, tendo tocado antes d'isso em Ægina. Seria preciso não ter olhos para não vêr esta verdade.

Mas com certeza, por estar ainda inteiramente fóra da influencia dos prejuizos, que tanto desnortearam os auctores das Argonauticas gregas, o mythographo da Odyssea reproduz tão fielmente a geographia primitiva e indica tão seguramente as estações do roteiro para os lados do Mar Austral, que os proprios partidarios da «geographia homerica» são obrigados a confessar que duas d'ellas, a dos Lotophagos e a d'Ogygia, não podem ser procuradas n'outra parte <sup>1</sup>.

Por isso dissemos que a nossa interpretação da viagem dos Argonautas á Libya seria consagrada por uma auctoridade respeitavel, e para o nosso caso não a póde haver mais respeitavel que a do mythographo dos Errores.

É porém só para esclarecimento das questões geographicas que podemos soccorrer-nos ás suas informações? Esta pergunta equivale a querer penetrar no segredo d'essa curiosissima phantasia, chamada Errores d'Ulysses, e, á altura a que chegamos, o problema não é difficil de resolver.

Para os criticos azedos da antiguidade os Errores eram um amontoado de baboseiras <sup>2</sup>, e Strabon,

---

<sup>1</sup> Strabon, nas passagens atraz citadas. Seria facil apontar muitas outras, em que o geographo attribue a Homero a quasi mania de «transportar» para o Oceano os erros dos antigos heroes, entre elles, os dos Argonautas. Sobre este ultimo ponto, vid. I, II, 40.

<sup>2</sup> Em Strabon, I, II, 7.

supposto repellisse indignadamente a irreverencia, com que se tratava o divino Homero, confessava todavia que as fabulas formigavam na sua obra; mas isso não passava, accrescenta elle, d'um processo poetico, por meio do qual o grande poeta tratava de vulgarisar verdades geographicas e historicas de baixo d'uma fôrma agradável e popular <sup>3</sup>.

O admirador d'Homero não andava muito longe da verdade, e examinando as «fabulas» homericas, vamos vêr que ellas encobrem factos geographicos e historicos, não colhidos em fontes vagas e diversas, como imaginava o geographo, mas extrahidos da Argonautica phenicia.

Deixaremos de lado os dous primeiros episodios, o dos Lotophagos e o da Caverna de Polyphemo, que, por mais complicados, alongariam muito esta especie de digressão, aliás necessaria.

Ao episodio de Polyphemo segue-se o da tempestade, que levou o heroe a Ogygia. Esta tempestade é indubitavelmente a mesma que levou os Argonautas a Anafe. Ha pois aqui um facto historico, e a «fabula» consiste na liberdade poetica d'attribuir o desastre maritimo á vingança jurada por Neptuno a Polyphemo.

Em Ogygia, a deusa Calypso apaixonou-se por Ulysses a tal ponto, que o tem como preso na sua ilha, sendo precisa uma ordem terminante de Jupiter, para que o deixe voltar á sua patria. O significado da «fabula» não é difficil de perceber, desde que se attenta na posição geographica dos dominios

---

<sup>3</sup> Strabon, I, II, 8 e seg.

de Calypso, uma ilha no meio do Atlantico, e nas afflicções, por que devia passar um mareante antigo n'uma tal situação. O que o não deixa partir d'alli para a sua patria é o terror que lhe causa a idéa de ter d'atravessar essa enorme solidão do mar, que o separa do continente, que a tempestade lhe fez perder de vista.

No trajecto d'Ogygia para a supposta Ithaca, já sabemos no que se traduz a «fabula» de Neptuno, vindo dos *Æthiopes*; é uma ligeira borrasca, que sopra do sul e desvia o navegante da sua derrota.

Finalmente a «fabula» d'Eolo, mettendo n'um ôdre todos os ventos, menos o *Zephyro*, por ser o unico favoravel á navegação d'Ulysses, significa muito claramente, que, desde a penultima estação da viagem até o ponto de chegada, o mareante teve o vento que desejava.

As fabulas homericas são pois simples allegorias, com que se poetisam factos muito reaes, e estes factos não podem ser outros senão os da Argonautica phenicia.

O que são então os Errores d'Ulysses? O *mythographo* conhecia o roteiro dos Argonautas e aproveitou-se d'elle com a maior sem-ceremonia; conhecia os factos historicos, passados em cada uma das suas estações, mas revestiu-os de taes fórmãs, que fez d'elles o que podia hoje chamar-se uma viagem maravilhosa; não podendo deixar de conhecer egualmente que os heroes d'aquellas aventuras eram os tripulantes da divina Argo, põe-n'os em scena, não os Argonautas, mas o regulo d'Ithaca.

Em vista de tudo isto o que podem ser os Errores d'Ulysses? Para nós são uma parodia da Argonautica phenicia, dando á geographia e á historia

d'aquella empreza uma feição inteiramente phantastica. Mas, descoberto o processo do mythographo, e cotejados os logares parallelos da Odyssea e os das Argonauticas gregas de character historico, uma e outras completam-se e esclarecem-se de tal maneira, que os acontecimentos principaes da expedição não podem ficar mais nitidamente desenhados.

Passando a estudar mais de perto as aventuras na Libya, contadas pelos Errores, ao passo que fôrmos conhecendo algumas divergencias, inevitaveis entre esta composição e a d'Apollonio, verificaremos ao mesmo tempo os inapreciaveis serviços d'este methodo comparativo.

**Ponto de partida.** — Já fica provado até a saciedade que o ponto de partida é Tartesso.

**Os Lotophagos.** — A primeira estação nos Errores é a dos Lotophagos, a dez dias do ponto de partida <sup>4</sup>. Ao fim d'estes dez dias, os mareantes, segundo Apollonio, iriam naufragar logo nos baixios do mar innavegavel. A versão da Odyssea é sem duvida nenhuma a verdadeira e, fósse por que motivo fósse, Apollonio saltou aqui uma estação, e tão desastradamente que, conservando o dado itinerario que a determinava, foi applical-o a outra, onde elle

<sup>4</sup> Não diremos que as medidas itinerarias da Odyssea mereçam absoluta confiança, mas tambem nos quer parecer que não são tão imaginarias como alguém póde pensar. No caso presente accetamos a indicação como historica, tanto por a vermos confirmada por Apollonio, como por ser de uma verdade flagrante.

não quadra de modo algum. De facto, se a 9-10 dias de Tartesso não se encontram baixios, onde possa localisar-se a famosa scena do naufragio, encontram-se os Lixitas do periplo d'Hannon, com os quaes não hesitamos um minuto em identificar os Lotophagos, que os Gaditanos diziam conhecer, pelas relações commerciaes que com elles sustentavam de certo.

É intuitivo além d'isso que a tempestade do Cabo Maleu é um *deus ex machina* de todo artificial e que antes da verdadeira tempestade, que atirou os navegantes para as restingas do Bojador, elles haviam de explorar a costa africana, pois que o fim da sua empreza não era outro.

Já por si mesmos, já por serem o ultimo povo culto d'esta parte da Libya <sup>5</sup>, a menção especial que dos Lixitas foi conservada não é para extranhar.

Mais o seria, se o mythographo dos Errores os exceptuasse da regra geral, que não dispensa o maravilhoso em tudo quanto tenha relação com o seu heroe. Mas lá temos aquelles povos sustentando-se d'uma especie de loto, que fazia perder a memoria, e Ulysses arrancando quasi á força os seus companheiros do paiz que dava taes fructos, porque, tendo provado d'elles, os desgraçados se haviam esquecido da sua patria <sup>6</sup>.

Esta «fabula», como todas as outras tem uma explicação obvia: significa simplesmente que os

---

<sup>5</sup> Comp. *Hannonis periplus*, 6. Quanto á antiguidade dos Lixitas, vid. Plinio, H. N. XIX, 22, contando que o templo d'Hercules dos Lixitas passava por anterior ao de Gades.

<sup>6</sup> *Odyssea*, XIX, 91-102.

nossos exploradores acharam a terra tão boa e a gente tão hospitaleira, que não fariam grande sacrificio em se domiciliar por alli. E provavelmente este incidente tem por base uma informação historica <sup>7</sup>.

**Os Cyclopes. Caverna de Polyphemo. —**

Com o auxilio do methodo comparativo, que não cessaremos d'encarecer, e o conhecimento do processo homerico, o episodio dos Cyclopes e da Caverna de Polyphemo, que tanto tem embaraçado os interpretes, decifra-se sem grandes difficuldades.

O seu logar paralelo na Argonautica é manifestamente o encurralamento dos Argonautas no Lago Triton, com os demais acontecimentos, passados nas immedições do Lago. Por isso os Cyclopes dos Errores não são para nós selvagens anonymos, como alguns crêm, mas o reflexo dos *Aethiopes* selvagens, que os Argonautas e Hannon encontraram a sul dos Lixitas; Polyphemo com a sua caverna e as aventuras ahi descriptas não é senão o reflexo do Genio do Triton e do seu Lago com os incidentes historicos, de que a Argonautica nos deu conta.

Os traços principaes do original são reproduzidos na imitação, que d'esta vez (e n'outras mais) parece visar um pouco a caricatura <sup>8</sup>: como o Genio do Triton, Polyphemo é filho de Neptuno e de

<sup>7</sup> É a estas regiões que se refere talvez a noticia de que os Phenicios conheciam um paiz mysterioso, onde contavam refugiar-se, se algum dia fossem obrigados a abandonar o seu.

<sup>8</sup> E tão comico era para os Gregos o episodio de Polyphemo, que Euripides fez d'elle o « drama satyrico », o *Cyclope*, onde os bons ditos desafiam a cada passo a gargalhada.

uma deusa do mar; como elle, domina n'um recesso maritimo <sup>9</sup> (que outra cousa não pôde ser a caverna d'um filho de divindades marinhas), recesso com uma sahida unica para o mar largo, e sem conhecer a qual o mareante, que alli entrou por acaso, fica prisioneiro e á mercê do dominador d'aquellas paragens. Foi o que succedeu aos Argonautas no Lago Triton; foi o que aconteceu a Ulysses na Caverna de Polyphemo.

Tudo isto nos parece tão evidente, que temos por inutil descer ao confronto das particularidades <sup>10</sup>. Conhecida a plenissima liberdade, com que o mythographo trata a narrativa historica, ninguem de certo se lembra de pedir-lhe contas pelas extravagancias, que elle accumula na hybrida concepção do Cyclope Polyphemo e da sua Caverna. Como filho de Neptuno e de Thoosa, nenhuma duvida que é um *alter ego* do Genio do Triton e a sua caverna um recesso maritimo, repetimos. Como membro da cabilda dos Cyclopes que vêm, attrahidos pelos seus gritos, conhecer a causa das suas afflicções, Polyphemo é já um selvagem da Æthiopia e a caverna, onde elle e os seus rebanhos se abrigam, a morada d'um

---

<sup>9</sup> O mesmo sem duvida, onde Thoosa, mãe de Polyphemo, foi surprehendida por Neptuno e que a *Odyssea* (I, 71-3) chama uma gruta do palacio de Phorcys, um deus do mar.

<sup>10</sup> Este confronto denunciaria uma discordancia entre a benevolencia do Genio do Triton para com os Argonautas e a hostilidade de Polyphemo para com Ulysses; mas é duvidoso se a tradição auctorisava ambas as versões. O Anteu da Heraclea, habitando perto do Lago Triton, conforme Pherecydes, e portanto um outro representante do Genio do Lago, não trata melhor que o Cyclope o expedicionario da Libya.

troglodyta na infima escala da civilisação, conforme o eram realmente os *Æthiopes*, encontrados pelos Argonautas nas cercanias do Triton <sup>11</sup>. Pela sua denominação de Cyclope, acompanhada da circumstancia de ter um só olho na testa, Polyphemo é ainda um cyclope mythico <sup>12</sup>, e a sua caverna representará, como pensa o snr. Jubainville e outros, a caverna da noite <sup>13</sup>.

<sup>11</sup> É de certo como tal, que elle devora alguns companheiros d'Ulysses. Lembremos que o Argonauta Cantho morreu ás mãos dos selvagens, visinhos do Triton.

<sup>12</sup> Um estranho Cyclope todavia; porque, sendo os Cyclopes da Theogonia os forjadores dos raios de Jupiter, Polyphemo declara que nem conhece Jupiter, nem se importa com elle para nada (ix, 275-6). Fazer d'um filho de Neptuno e de Thoosa um Cyclope parece cousa tão disparatada, que o snr. Decharme, obr. cit., pag. 321, quer vêr nos Cyclopes dos Errores entidades maritimas. Mas o mythographo diz expressamente que os seus Cyclopes tinham um só olho na testa, como os Cyclopes da Theogonia. É pois certo que o nosso Protheo tambem se metamorphoseou n'um Cyclope genuino. Bochart (obr. cit. I, 30) dá-nos uma etymologia do Cyclope dos Errores, que não será inutil reproduzir aqui. Para elle *cyclops* é uma palavra phenicia, decompondo-se em *chek lub*, e significando uma «enseada da Libya». Não seria impossivel que a tradição phenicia fallasse d'uns mareantes encerrados n'um «cyclope», n'uma enseada da Libya, e que d'este equivoco se forjasse uma enseada, dominada por um Cyclope, etc. Seja como fôr, o que tudo isto prova é que o nosso mythographo se importava tanto com a coherencia, como Polyphemo com Jupiter.

<sup>13</sup> Com a condição de darmos por certo que o mythographo lançou mão d'uma legenda mythica, sem lhe comprehender o significado intimo. D'outro modo não veriamos sahir Ulysses da caverna da noite, para continuar na esteira dos Argonautas. Agradou-lhe parodiad assim a sahida dos Argonautas do Lago Triton, nada mais.

Estas tres entidades com as suas respectivas moradas estão fundidas n'uma só, e á luz do senso commum nada ha mais disparatado; mas é de notar que o mythographo em toda a sua obra faz tanto caso do senso commum, como o fazem ainda hoje os auctores de historias maravilhosas. O seu fim é compôr uma historia maravilhosa <sup>14</sup> com os factos positivos que a Argonautica phenicia lhe subministra, e, se se attende que elle quiz dar áquelles factos uma unidade de logar e d'acção, como deu, ha de confessar-se que se tirou das difficuldades com uma habilidade não vulgar, porque será difficil encontrar um acontecimento contado por Apollonio, que não tenha o seu correspondente no complicado episodio de Polyphemo.

Se se pergunta o que póde ter de commum a Ilha dos Cyclopes com o Lago Triton e com os Æthiopes do continente africano, nós respondemos sem hesitação que ha aqui uma deslocação identica á que notamos em Apollonio e devida tambem a causas desconhecidas. E não deixa de ser singular que ambos os mythographos commettem um erro muito semelhante. Apollonio salta a estação dos Loto-phagos; mas é ahi, a regularmo-nos pelo dado itinerario de nove dias, que elle colloca as aventuras, que se passaram para o Bojador e para o Sahará; a

---

<sup>14</sup> Não será inutil advertir que as legendas mythicas, já degeneradas por um antropomorphismo grosseiro, eram verdadeiras historias maravilhosas. Os auctores das Heracleas, dos Errores etc. mostrando os seus heroes com um pé no mundo positivo, outro no mundo sobrenatural, não fazem innovações, que possam surprehender os velhos Gregos.

Odyssea, que conservou o episodio dos Lotophagos e o localisa com rigor, vae collocar em duas ilhas do Atlantico as aventuras, que deveria collocar na costa africana, onde ficava o Triton. De resto ninguem desconhecera que a pequena Ilha das Cabras, aonde vae ter Ulysses, logo que sae dos Lotophagos, corresponde á Carpathos d'Apollonio, e a Ilha dos Cyclopes que lhe ficava muito proxima e para onde a Odyssea translocou os successos do Lago Triton, corresponde á Creta do historiador dos Argonautas. A sequencia das aventuras não deixa sombra de duvida a tal respeito.

**Ilha Ogygia.** — Á sahida da pseudo-Creta, segundo Apollonio, á sahida da Ilha dos Cyclopes, segundo os Errores, dá-se o grande desastre que celebrizou a volta da viagem á Libya. Este desastre é, como já sabemos por Apollonio, uma formidavel corrente oceanica, que, á sahida das Canarias e provavelmente quando os expedicionarios procuravam o continente no intuito de seguir a navegação costeira, os apanhou de subito, arrastando-os com violencia para uma direcção opposta. É indubitavelmente este mesmo facto, que a Odyssea fabulisa segundo o seu costume, inculcando-o como a realisação da vingança, que Neptuno promettera a seu filho. É do mesmo modo indubitavel que a ilha Ogygia, aonde vae parar Ulysses, e a Anaphe d'Apollonio são uma e a mesma cousa.

Quando identificamos esta com a Madeira, reservamo-nos para comprovar pelos Errores a justeza das nossas supposições. As instrucções dadas por Calypso a Ulysses, para transpôr a distancia que o separava da sua patria, não podem ser mais significativas, crêmos nós. Ha de navegar, diz ella, de

modo que a Ursa lhe fique sempre á mão esquerda <sup>15</sup>. Advertindo que Ogygia é uma ilha isolada no Atlantico e a terra que o navegante vae demandar é Tartesso, como se infere terminantemente da propria *Odyssea*, só n'uma ilha em situação igual á da Madeira são exactas aquellas instrucções, ou melhor, o facto consummado que ellas implicam. Já atraz mostramos como a « fabula » homERICA pinta admiravelmente a irresolução dos expedicionarios, aterrados com a idéa de fazer aquella larga travessia por mar alto. Digamos ainda que o *mythographo* chama a Ogygia « silvosa » <sup>16</sup>. Como vimos, para Bochart o nome d'Anaphe incluía a mesma idéa.

**Trajecto d'Ogygia para Tartesso.** — No trajecto d'Ogygia para a supposta Ithaca os Errores conservaram-nos um incidente da viagem, que Apollonio omittiu, talvez por consideral-o de nenhuma importancia. Fallamos do encontro casual de Neptuno com o navegante e já mostramos que a fabula homERICA é de tal importancia, que por ella só poderia demonstrar-se que o ponto de chegada da viagem á Libya necessariamente ha de ser procurado fóra e proximo do Estreito de Gibraltar, inquestionavelmente em Tartesso <sup>17</sup>.

Por ella sabemos tambem que, em consequencia do encontro com o deus, i. é, da ligeira borrasca, que por elle se traduz, o nosso expedicionario foi obrigado a ir arribar á Eolia.

<sup>15</sup> *Odyssea*, v, 271-7.

<sup>16</sup> *Odyssea*, I, 51.

<sup>17</sup> Entre a ilha Ogygia e o ponto de chegada haveria dezoito dias de navegação (v, 278-9).

**A Eolia.** — O que era a Eolia? Era nada menos que a residencia do rei dos ventos. Quando Ulysses alli chega, o deus recebe-o com todas as attentões, devidas a um dos primeiros heroes da guerra de Troia, e para o obsequiar encerra todos os ventos n'um ôdre, deixando apenas em liberdade o Zephyro, por ser o unico favoravel á navegação, que restava fazer ao seu hospede <sup>18</sup>.

Isto traduzido em prosa quer dizer, que da Eolia para o ponto de chegada Ulysses foi auxiliado pelo vento que lhe convinha, o Zephyro, concluindo-se que a Eolia era uma estação a poente de Tartesso. Seria porém singular que sem motivo algum o mythographo se lembrasse de localisar a morada dos ventos n'umas paragens, onde Strabon suppunha que elle collocava nada menos que os Elysios. A chave do enigma dá-nol-a, se não estamos em erro, o periplo phenicio do seculo vi. A poente de Tartesso, nas proximidades do rio Anas, menciona elle um templo dedicado ao Zephyro, um Zephyridos <sup>19</sup>, e imagina-se a importancia que teria tal deus para os mareantes, que dos lados do Atlantico demandavam o Estreito de Gibraltar e vice-versa.

Para nós é pouco menos de certo que d'este deus particular fez o mythographo o dispensador de todos os ventos, dando redeas á sua phantasia, como era o seu costume. Identificamos por isso a Eolia com o Zephyridos do sudoeste da Hispanha.

Apollonio diz-nos seccamente que os Argonau-

<sup>18</sup> *Odyssea*, x, 19-26.

<sup>19</sup> Avienus, *Ora Maritima*, 19.

tas chegaram a Ægina, onde pouco se demoraram, por quererem aproveitar o vento que lhes era favoravel. Esta circumstancia, junta á coincidência de ser Ægina a penultima estação da viagem dos Argonautas á Libya, faz-nos crêr que a Ægina do poeta e a Eolia dos Errores são a mesma cousa <sup>20</sup>.

**Chegada á «vista» d'Ithaca.** — O navio d'Ulysses já chegára á vista d'Ithaca; mas o heroe adormecera, e os seus companheiros, aproveitando a occasião, desataram o ôdre d'Eolo, para vêr o que elle continha. Os ventos irrompem furiosos, formando uma tempestade, que recua o navio para a Eolia. Com este *deus ex machina* a viagem a Libya ficou ligada com a viagem á Thrinacia.

Se esta não ficasse para o segundo logar, como já sabemos, Ulysses entraria socegradamente na sua patria.

Depois do que fica exposto, o leitor decidirá se tinhamos ou não razão em sustentar que os Gregos exploraram largamente uma Argonautica phenicia em proveito das suas glorias nacionaes, já compondo com aquellas aventuras as proezas maritimas do seu Hercules, já phantasiando os Errores do seu Ulysses, já historiando com toda a seriedade os trabalhos dos Argonautas mynios.

---

<sup>20</sup> A localisação da penultima estação em Ægina é tão pouco racional, que decerto obedece a causas que ninguem poderá hoje descobrir.

Todas estas composições, que reproduzem, cada qual a seu modo, os factos historicos e geographicos da velha legenda, fornecem elementos sufficientes para reconstruir esta ultima, senão em todas as suas minuciosidades, na grande maioria d'ellas.

Na viagem d'exploração para o occidente da Libya a comparação das tres legendas hellenisadas permite estabelecer com certeza que os Phenicios, depois que reconheceram toda a costa africana até os Lixitas, tentaram proseguir para o sul, mas, sendo arrojados ás restingas do Bojador, escaparam do perigo quasi por milagre, indo ter ao Lago Triton através de muitas fadigas e trazendo d'essas regiões longinquas um certo numero de informações, que a imaginação popular foi avultando e desfigurando com o tempo.

Podendo encontrar a recondita communicação do Lago com o mar, vêm sahir a uma enseada a sul do Bojador e, tratando de voltar para Tartesso, vão costeando o promontorio até o ponto, onde começam a apparecer-lhes signaes dos baixios, em que tinham naufragado. Para os evitar, tomam por largo e é assim que descobrem as Canarias (Hesperides), duas das quaes foram reconhecer.

Sahindo d'ahi, dirigem-se provavelmente para a costa, já sua conhecida, quando são surprehendidos por uma corrente atlantica, que os arroja para a Madeira.

Bem que os apavore a lembrança de abandonar aquelle asylo e de atravessar a solidão do alto mar, não ha outro remedio senão fazel-o; e, calculando que a sua navegação devia ser de poente a nascente (com a Ursa á mão esquerda), tiveram a fortuna de effectuar a grande travessia sem perigo. Apenas

ao approximarem-se do Tartesso, um pequeno temporal do sul os obrigou a arribar a uma localidade do sudoeste da Hispanha, o Zephyridos da foz do Anas <sup>21</sup>.

Cada uma das tres composições gregas tem seu valor proprio; mas os Errores têm um valor excepcional, sob certos pontos de vista, porque se pôde vêr no seu auctor o mais franco interprete da geographia e da historia primitiva.

Sobretudo na parte geographica, este guia é segurissimo; porque, repetimos, nenhuns prejuizos podiam obrigar-o a alterar os roteiros, que copiava, e, desde que lhes restituimos a ordem que os deturpadores lhes enredavam, vê-se sem a menor sombra de duvida, que, se elle não foi mais fiel na cópia, é porque não pôde.

Insistimos n'estas observações; porque, indo agora tratar a fundo da celebre expedição a Ea, não se extranhará que comecemos pelo exame do roteiro, tal como nol-o dão os Errores, e o estudemos com a maxima attenção, antes de comçarmos a critica da obra d'Apollonio.

---

<sup>21</sup> Vid. carta primeira ao fim do volume.